

O Rei Janaka aprende o verdadeiro significado do mantra

Baseado numa história contada por Baba Muktananda

Há muito tempo, onde hoje é o norte da Índia, o justo Rei Janaka governava a terra de Videha. O rei cumpria seus deveres reais e respondia a cada situação que surgia, com nobreza e benevolência. Apesar de possuir um tesouro em moedas de ouro e rubis, que se empilhados, chegariam à altura de uma montanha, Janaka não tinha apego à sua riqueza; ele ansiava somente por conhecer a Verdade mais elevada. O rei era célebre por honrar sábios de todas as partes juntamente com seus milhares de devotos, acolhendo-os com fartos banquetes e tendas tão grandes que dariam para abrigar dezenas de elefantes. Com olhos radiantes e um coração festivo, Janaka se deliciava em ter *satsang*, envolvendo seus convidados em conversas sobre o Ser supremo.

A cada manhã, o Rei Janaka se levantava um pouco antes do amanhecer e, ocultando sua régia identidade nas vestes humildes de um monge, silenciosamente deixava o palácio e seguia, por um caminho escondido na floresta, até um rio próximo. Sentava-se às suas margens, sob uma velha figueira, e meditava. Como Janaka dava valor a essas madrugadas em solidão! Às vezes, em estado de meditação profunda, tinha um vislumbre da Verdade. Tais episódios atiçavam ainda mais seu anseio por conhecer a Verdade mais profundamente, e ele renovava o compromisso com as práticas espirituais com um fervor ainda maior.

Antes de meditar, Janaka praticava mantra *japa*, a repetição de sílabas sagradas. O rei fechava os olhos e repetia o mantra *So'ham* – que significa

“*Eu sou Isso, Eu sou a Verdade*” –, um mantra que os yogues usam desde tempos imemoriais para acessar sua Verdade mais profunda. Apesar disso, ao invés de usar as técnicas tradicionalmente ensinadas pelos grandes mestres da yoga – repetir o mantra no seu interior ou ouvi-lo surgir de dentro –, Janaka gritava “*So’Ham! So’Ham!*” a plenos pulmões, sua voz grave ressoando do outro lado do rio, fazendo os pássaros saírem em revoada.

Certa manhã, o sábio Ashtavakra caminhava ao longo do rio enquanto o rei estava absorto em sua prática de japa. Apesar de ser jovem, Ashtavakra era um grande conhecedor da Verdade, um ser iluminado. Ao ver o rei sentado, com suas vestes cor de ocre, uivando “*So’Ham!*”, o jovem sábio levantou as sobancelhas e viu claramente, pela voz estrondosa do rei, seu genuíno anseio de conhecer a Verdade; então decidiu ajudá-lo a fazer exatamente isso.

O sábio se sentou silenciosamente de frente para Janaka e o observou gritar por algum tempo. Numa das mãos, Ashtavakra segurava uma tigela de água e, na outra, um *yoga-danda*, um bastão em forma de T que os yogues usam para apoiar o braço ou o queixo enquanto praticam *japa* ou meditação. Então, Ashtavakra começou a gritar: “Esta é minha tigela de água, este é meu bastão de yoga! Esta é minha tigela de água, este é meu bastão de yoga!”, erguendo cada objeto acima da cabeça ao berrar seu nome.

O Rei Janaka, apesar de incomodado por aquela voz desconhecida e estridente que perturbava seu *japa*, manteve os olhos fechados. *Este é o meu momento precioso de realizar as práticas espirituais*, pensou. *Não vou deixar um louco qualquer arruiná-lo*. E continuou a repetir “*So’Ham, So’Ham*” ainda mais alto. Por sua vez, Ashtavakra também começou a repetir seu mantra mais alto. Suas vozes continuaram aumentando, até que o rei não conseguiu mais suportar. Abriu os olhos e descobriu um jovem sentado à sua frente, berrando e erguendo uma tigela de água e um bastão de yoga.

— Ó jovem estranho, que raios você está fazendo? — perguntou o rei em alto e bom tom.

Ashtavakra baixou os braços, olhou para o rei com um sorriso zombeteiro e perguntou:

— O que *você* está fazendo?

— Estou repetindo o mantra sagrado, *So'Ham* — disse Janaka, com a maior naturalidade.

— Eu também estou afirmando uma verdade — respondeu Ashtavakra, com um largo sorriso. — Estou repetindo “Esta é minha tigela de água, este é meu bastão de yoga”.

Agora, o rei tremia de irritação:

— “Seu tolo! Quem lhe disse que a tigela de água e o bastão de yoga não lhe pertencem?”

Ashtavakra rebateu:

— Ó Majestade, eu sou jovem. Posso ser perdoado por minha ignorância. Mas você é Videhi Janaka, rei do sutil e do sábio. Por que você precisa bramar como um hipopótamo? Quem disse que você não é *So'ham*, que você não é *Isso*?

Quando Janaka ouviu aquilo, sentiu um véu se levantar. Imediatamente, se reconheceu como sendo *Isso*. A luz do sol, o rio cintilante, a antiga árvore sobre sua cabeça, o jovem sentado diante de si, tudo, em sua percepção, pulsava com a perfeição de Deus. No âmago de seu ser, percebeu-se uno com a Verdade que havia tão ardentemente procurado.

— Ó Mestre — disse Janaka, com o coração transbordando de gratidão pelo jovem — você purificou meu entendimento sobre o mantra. Você revelou a Verdade dentro de mim. Como posso lhe retribuir?

Ashtavakra olhou para Janaka, e com os olhos brilhando, deu uma gargalhada gostosa.

— Agora, em vez de repetir o mantra para se tornar a Verdade, repita-o sabendo que você *já é* a Verdade.



Recontado por Ian Arnold
Ilustrações de Stella Sakshi Martinelli
Projeto da Capa de Jenny Hira Tanner

© 2018 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.